

ARQUITETURA VERNACULAR E PRODUÇÃO DA HABITAÇÃO POPULAR

Françoise Dominique Valéry, Professora

No quadro de um amplo debate sobre a produção do espaço habitado no Brasil Contemporâneo, tema do presente Congresso Nacional reunindo arquitetos e profissionais dedicados à solucionar a problemática habitacional, não há dúvida de que a arquitetura enquanto produção cultural seja um tema tão relevante quanto o tema do papel do arquiteto na sociedade brasileira de hoje.

Dentro dessa abordagem geral, da arquitetura como produção cultural, queremos privilegiar uma linha da abordagem específica, que diz respeito à arquitetura vernacular. Sabemos que, "dentro da estrutura departamentalizada e setorializada que caracteriza as instituições e a concepção oficial da arquitetura, a arquitetura não é vista como cultura, nem como ciência e técnica, mas percebida como marginal a cada uma dessas áreas" (1). Portanto, retomar o problema da arquitetura vernacular nos leva à busca de uma expressão muito rica de nossa realidade, "realidade que reflete hoje a crise profunda de nossos valores culturais" (2).

Refletindo sobre o cenário de vida de nosso povo, notadamente o povo do interior do Nordeste brasileiro, e o povo das periferias urbanas, constatamos que um verdadeiro abismo continua separando as concepções arquitetônicas e urbanísticas de nossos planejadores da realidade, feita de miséria e desemprego, de barracos e vielas enlameadas, de bairros desprovidos de infraestrutura e equipamentos que atendam as populações cada vez mais pobres de nossas cidades.

É verdade que muito se tem feito para tentar integrar as populações mais carentes, dentro de programas oficiais, centralizando os esforços sobre infraestrutura básica (água e luz) e equipamentos de base (saúde notadamente). Por outra parte, vários programas de governo tem sido dirigidos às classes populares, no intuito de resolver o problema habitacional desta gente. No Rio Grande do Norte, para citar um exemplo, os programas habitacionais destinados às populações de baixa renda, tem atendido cerca de 35.000 famílias, sem portanto ter resolvido o problema habitacional; pois 85% da produção habitacional tem se concentrado em Natal, capital do Estado, e tem favorecido os que se enquadram nos pré-requisitos do Sistema Financeiro da Habitação (SFH), a saber, os que ganham entre 3 e 5 salários mínimos. No quadro dos programas habitacionais não convencionais, tipo PROMORAR, PROFILURB, e projetos crescer, poucos tem sido os escolhidos. Frente ao fracasso da política habitacional destinada às populações de baixa renda, novas concepções tem sido adotadas inspiradas nos moldes tradicionais de construção da habitação: entre elas, o sistema da ajuda mútua ou mutirão, racionalizado em termos de política habitacional no quadro de Projeto João de Barro (3). Essas novas concepções nada mais são, porém, que a re-utilização de formas tradicionais de

construção de moradias, usuais no quadro da chamada arquitetura vernacular. Mas a re-utilização desses modos tradicionais se faz de uma maneira totalmente desvinculada do quadro comunitário e social do qual é oriundo; os planejadores só recorrem hoje nesses modos, por taxá-los de "soluções populares" e "participativas" quando são meros mecanismos de barateamento da construção, aliados à falsos mecanismos de participação comunitária.

Portanto, parece-nos muito importante voltarmos ao estudo da arquitetura vernacular, um amplo campo de saberes e conhecimentos, que podem ser muito úteis para o arquiteto na sua prática profissional, enquanto planejador e conceitor de programas habitacionais destinados às classes mais pobres, mas também úteis no projeto arquitetônico, como fórmulas e técnicas tão eficientes quanto as caras fórmulas e soluções tecnológicas as mais modernas.

Uma vez colocada em evidência, a arquitetura vernacular torna-se fonte de lições e ensinamentos, pois relaciona a casa com seu entorno físico e cultural; o estudo do meio ambiente, do espaço habitado, das formas criadas e reproduzidas pela sociedade, de sua adequação aos assentamentos humanos podem representar paradigmas para o entendimento de nossa sociedade, o desvendamento de suas necessidades e o planejar de seu futuro, de um modo mais humano.

Mas, o que é a arquitetura vernacular? E por que querer voltar ao estudo das formas tradicionais de construir e morar? Além de definir-mos a arquitetura vernacular, queremos no presente trabalho ressaltar a importância de estudar estas formas de produção do espaço habitado, em regiões onde este tipo de arquitetura ainda predomina, como é o caso do Nordeste brasileiro. Partindo-se desta definição e dos estudos de caso que realizamos, nestes últimos 3 anos, não queremos ser líricos ou idealistas, mas trazer à tona conhecimentos e práticas populares, muitas vezes eficientes, mas quase sempre estigmatizadas pelos profissionais, arquitetos notadamente. Pois no ensino da arquitetura, pouco se dá valor à arquitetura vernacular quando muito se incentiva recorrer à soluções e técnicas sofisticadas e alienígenas, caras e que tornam nossa arquitetura cada vez mais dependente das pressões sociais e econômicas.

No que diz respeito ao estudo da arquitetura vernacular, poucas tem sido as publicações tratando deste assunto, e nossa bibliografia reúne estudos e livros produzidos em várias partes do mundo, em condições sociais e culturais diferenciadas. Além dos clássicos, como "House Form and Culture" de Rapoport e "A dimensão oculta" de Hall, podemos citar livros antigos, tal "Casa Grande e Senzala" de Gilberto Freyre, ou recentes, tal "Habitações indígenas" de Sílvia Novães ou "A casa e a rua" de Roberto da Mat-

ta (4), ou alienígenas como o apaixonante "Construindo com o povo" de Hassan Fathy (5). Porém, cada um desses autores dá sua definição da arquitetura vernacular, sendo raras as teorizações acima do assunto. Extrairemos nossa definição do estudo de Rapoport, que vê na arquitetura vernacular a tradução direta das ormas físicas de uma cultura, de suas necessidades e valores, assim como dos anseios, sonhos e paixões de seu povo (6). Pois esse ambiente, que tanto reflete a cultura de um povo, tem sido concebido e construído sem a ajuda de um profissional arquiteto. Portanto, é bem mais representativo de uma cultura que a arquitetura contemporânea nossa, banalizada e massificada, além de produzida em série e segundo modelos culturais impostos pela elite.

Em termos de importância numérica, a arquitetura vernacular é a forma de produção que mais se desenvolveu. Numa população de quase 2 milhões de habitantes, só 74.000 norte-riograndenses são hoje os mutuários do Sistema Financeiro de Habitação, e mais de 70% desses mutuários são hoje inadimplentes. Os outros se alojam sem recorrer ao SFH, seja em condições suntuosas, seja em condições precaríssimas, seja recorrendo às formas tradicionais de construir e morar. Os bairros populares da capital do Estado, Natal, não têm características de favelas, mas de cidades do interior do Estado, com suas casas alinhadas, pintadas e sua gente sentada na calçada, falando da vida alheia. Apesar das mudanças sociais, que também afetaram os hábitos de vida de nossa população, os modos de construir e morar pouco se alteraram. Não há dúvida de que, da década de 60 para a década de 80, a produção em massa da habitação se impôs como modelo habitacional, consequência do "sonho da causa própria" (7). Paralelamente, uma série de fatores vem alterando a relação entre arquitetura vernacular e arquitetura moderna, aqui entendida como arquitetura de massa, dita internacional. Essas alterações disseram respeito à imposição de modelos, materiais e modos de usar a habitação e à repressão que atingiu os modos tradicionais de morar, sendo bem nítida no caso do estigma que arquitetos e responsáveis governamentais colocaram acima da casa de taipa, por exemplo.

A arquitetura vernacular pode ser definida em relação à arquitetura primitiva e em relação à arquitetura moderna, das quais profundas características as diferenciam. No que diz respeito à arquitetura primitiva, voltada para o homem e seu bem-estar no seio da comunidade, a habitação reflete a estrutura comunitária da sociedade, onde as soluções arquitetônicas são oriundas de um saber por todos compartilhados, que permeia as gerações; são soluções baseadas em conhecimentos concretos, difundidos entre todos, no quadro de uma vida social compartilhada. Não há especialização técnica, pois cada

um sabe fazer sua parte do trabalho coletivo. A comunidade constrói a "casa", a maloca que abrigará todos seus membros. Neste caso, a habitação é feita segundo modos tradicionais, em lugares escolhidos em acordo com Divindade/Natureza, num quadro ecológico adaptado à realidade daquele povo primitivo. Essas habitações são uniformes, pois as formas destas construções persistem no tempo. Além disso, não se notam hierarquização entre os espaços, salvo no caso de diferenciação elementar entre os espaços públicos e privados, masculinos e femininos, profanos e sagrados (8).

No caso da arquitetura vernacular, também chamada de arquitetura tradicional, voltada para o homem e o bem-estar de sua família, a habitação reflete já uma sociedade diferenciada, muitas vezes miscigenada ou sujeita à influências externas, sejam elas lentas ou bruscas. Portanto, a casa, apesar de produzida segundo os modos tradicionais, copiados de geração em geração, não permanece uniforme, mas lentamente se adapta à novos modos; os modelos que já tem uma forma aceita, sofrem ajustes e variantes, regionais e temporais. A habitação, que reflete um tipo de sociedade em mudanças, diferenciada entre rurais e urbanos, não conhece diferenças quanto ao modo de construir ou usar: cada um é capaz de construir sua moradia, ou recebe ajuda, de parentes, amigos ou as vezes pedreiros, para construir-la; porém, cabe ao chefe de família escolher a localização, dimensionar o tamanho da casa, adequá-la à sua condição social e financeira. Surgem os espaços diferenciados tanto na própria habitação como no tecido urbano (primeiros bairros) e inicia-se a hierarquização dos espaços. Porém, a participação familiar e coletiva é intensa, reflexo da intensa sociabilidade e da pouca especialização técnica vigente. Neste tipo de sociedade, não há arquiteto para fazer a casa, pois cada um ainda tem conhecimentos a respeito do assunto, e pode participar da construção.

No caso da arquitetura moderna, hoje vigente, ao lado de resquícios da arquitetura primitiva, muito localizada, e da vernacular muito difundida ainda, o quadro social mudou completamente. A arquitetura reflete um tipo de sociedade profundamente diferenciada, uma sociedade de classes, presa num modelo sócio-econômico de tipo capitalista, excludente e dependente (9).

Neste tipo de sociedade, a divisão do trabalho corresponde a uma divisão entre "saber" e "fazer". No caso da habitação, temos de um lado os que concebem e projetam a habitação (arquitetos e engenheiros) e de outro lado os que executam a construção (serventes, pedreiros e outras categorias profissionais lideradas pelo mestre de obra). O tipo de arquitetura então vigente está desvinculado do quadro tradicional: além da família não participar mais da escolha do terreno, nem do processo construtivo da

casa, não participa da concepção da habitação. O projeto, comprado pronto, é fruto de uma reflexão técnica e econômica, de parâmetros a ser equacionados, onde o econômico aparece determinante, muito mais que os valores sociais e culturais da família. Chega-se ao absurdo de se conceber habitação sem valor de uso (sic), casa somente vista como mercadoria a ser colocada no mercado e consumida pela faixa de renda que pode pagar por ela. A arquitetura está então desvirtuada de seu objetivo final, que é de abrigar o homem e sua família, para tornar-se objeto de especulação, transação, meio de se conseguir lucro. Neste quadro, não há mais um padrão social da habitação, mas vários modelos, que revelam a hierarquização, a segregação espacial reflexo da segregação social (bairros ricos e periféricos pobres) e os modismos vigentes. Não há mais ligação entre a casa e seu meio, entre a habitação e o quadro ecológico no qual se ensera, pois a chamada arquitetura internacional banaliza modelos vigentes quaisquer que sejam as condições bio-climáticas e físicas. A arquitetura banalizada é também produzida em moldes industriais, uniformizadamente, perdendo-se os aspectos regionais ou nacionais próprios à cada cultura. É produzida para uma classe dominante, e imitada pelas outras numa tentativa de se adquirir "status". Além disso, como poucos são os que podem pagar para ter uma habitação, valoriza-se o empreendimento, criando-se uma oferta sempre inferior à demanda, e são acionados mecanismos econômicos que integram a habitação no sistema sócio-econômico capitalista. Criam-se programas destinados a faixas de renda especificadas, marginalizando-se as categorias mais pobres, excluídas dos benefícios do sistema e sem direito a uma habitação condigna.

Pois neste breve estudo da relação Espaço/Sociedade, vista através da casa, distinguimos vários tipos de arquitetura, entre eles, a arquitetura vernacular. Este tipo de arquitetura está muito mais preocupada da adequação da moradia à família que nela habita, que a arquitetura moderna, hoje ensinada em nossas Escolas. A problemática que sustenta este trabalho poderia ser resumida na seguinte questão: qual a concepção da casa que permeia este tipo de arquitetura, e qual sua coerência com a filosofia, o modo de viver, trabalhar, amar e pensar da sociedade na qual se ensere? Qual o concreto vivido por nosso povo? Através da arquitetura vernacular, valorizam-se conhecimentos sobre um modo de apropriação e produção do espaço habitado, que hoje coexiste e frequentemente se opõe ao sistema capitalista de produção da casa de da cidade (10).

Qual o papel do arquiteto nesta problemática? Num momento em que se difundem programas oficiais de habitação, notadamente popular, utilizando métodos oriundos da arquitetura vernacular (auto-construção,

mutirão principalmente), não há dúvida que o arquiteto precisa atualizar seus conhecimentos a esse respeito. Valorizar o espaço vivido, e não simplesmente a habitação enquanto instrumento de morar, resgatar a flexibilidade e a adaptabilidade da arquitetura vernacular, levarão os arquitetos a se questionar sobre a recente apropriação pela arquitetura moderna, de métodos e técnicas, ligados à arquitetura vernacular, mas apropriação indevida e muito distorcida em relação à origem cultural destes saberes e práticas populares. Em nome de uma técnica e de um saber elitizado, à serviço de uma classe, o arquiteto deixou de conhecer a arquitetura vernacular, estigmatizando-a como tradicional, arcaica e desprovida de ensinamentos. Hoje sabemos que este foi o caminho errado e levou ao fracasso de uma grande parte da política habitacional destinada às populações de baixa renda. Baseando seu trabalho sobre meros critérios técnicos e econômicos (número de metros quadrados divididos pela faixa de renda do bicho "mutuário"), o arquiteto esqueceu de construir uma casa cuja finalidade é abrigar seres sociais, homens e mulheres, crianças e velhos. O bem estar do homem ficou relegado à última preocupação de nossos conceituados e planejadores.

Como atuar? Como reverter esta situação? Num primeiro momento, deve-se resgatar os ensinamentos da arquitetura vernacular dentro do próprio ensino da arquitetura, seja na área de história e teoria da arquitetura, seja na área de projeto. Precisa-se mostrar a relação arquitetura vernacular/arquitetura moderna, no quadro de uma ampla reflexão sobre espaço e sociedade, sem estigmatizar uma ou outra, mas trazendo à tona os ensinamentos de cada uma. Num segundo momento, precisa-se retrabalhar os conceitos de arquitetura vernacular, enriquecendo-os, e multiplicar os estudos de caso sobre nossa realidade social e cultural. Tais estudos redundarão em trabalhos de graduação e de pós-graduação sobre Arquitetura vernacular, e fortalecerão seu ensino em nossas escolas. Enfim, no quadro de seu trabalho profissional, o arquiteto deverá batalhar para garantir uma atuação menos subserviente, propondo uma arquitetura menos rígida e mais receptiva às manifestações dos seus usuários (11). Apesar das limitações institucionais e econômicas, sabemos hoje que tudo podemos fazer em termos técnicos e arquitetônicos, até dentro da estrutura rígida de um conjunto habitacional. Resgatar a arquitetura vernacular não quer dizer multiplicar o número de conjuntos destinadas a baixa renda, construídos em autoconstrução, isto é, construção de super-favelas tão marginalizadas quanto as outras. Quer dizer que o homem, destinatário final da habitação, tenha direito de escolher um lugar para morar, escolher seus vizinhos, a planta de sua casa, a orientação e

materiais constructivos, enfim participar da concepção do espaço que será seu. Infelizmente, hoje, este privilégio de destina somente à quem pode pagar pelos serviços de um bom arquiteto. Portanto, tornando-se consciente do papel que pode desenvolver junto às populações mais carentes, o arquiteto talvez tornara-se o "arquiteto de pés descalços" que não se contenta em falar do povo, mas trabalha com ele e para ele, numa experiência de vida insuperável. Lendo as páginas escritas por Hassan Fathy, talvez muitos de vocês se convencerão de que construir com o povo seja uma alegria...

NOTAS

- (1) e (2) Texto Preliminar para discussão do XII Congresso.
- (3) Programa Habitacional João de Barro BNH 1984
- (4) A. Rapoport "Vivienda e Cultura"; Edward T. Hall "A dimensão oculta"; G. Freyre "Casa Grande e Senzala"; S. Novães "Habitações Indígenas"; R. da Matta "A casa e a rua".
- (5) Hassan Fathy "Construindo com o Povo".
- (6) A. Rapoport, op. cit., pág. 12
- (7) Bolaffi "A casa das Ilusões perdidas"
- (8) Novaes, op. cit.
- (9) Maricato, E. "A produção capitalista da casa e da cidade no Brasil industrial"
- (10) Maricato, op. cit.
- (11) Revista projeto, nº 75, Abril 1985, p. 84.

BIBLIOGRAFIA

- FATHY, Hassan "Construindo com o povo" Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- FREYRE, Gilberto. "Casa Grande e Senzala" Rio de Janeiro, J. Olimpio 1966
"Oh de casa" Rio de Janeiro, Arte-nova, 1979
- GEERTZ, Clifford. "A Interpretação das Culturas" Rio de Janeiro, Zahar, 1978
- HALL, Edward T. "A dimensão Oculta" Rio de Janeiro, Zahar, 1979
- HOLANDA, Armando. "Roteiro para construir no Nordeste" Recife UFPE Faculdade de Arquitetura 1974
- LYNCH, Kevin. "L'Image de la cité" Paris, Dunod, 1971
- MARICATO, Erminia (org). "A produção capitalista da casa e da cidade no Brasil industrial" São Paulo, alfa ômega, 1982
- MATTA, Roberto da. "A casa e a rua" São Paulo, Brasiliense, 1985
- MOUTINHO, Mário. "A arquitetura popular portuguesa" Lisboa, Ed. Estampa, 1979
- NOVAES, Silvia C. (org). "Habitações Indígenas" São Paulo, Nobel, 1983
- RAPOPORT, Amos "Vivienda y cultura" Barcelona, Gili, 1972
- TAVEIRA, Eduardo S. "Contribuição ao estudo tipológica da habitação potiguar" Natal, PRAEU Ed. Universitária 1982
- VALÉRY, Françoise Dominique. "Para uma antropologia da casa potiguar" Natal, Departamento de Arquitetura, 1984
- ZEVI, Bruno. "Saber ver a arquitetura" Lisboa, Arcadia, 1977.